1.3 DIMENSÃO DE GÉNERO E RELEVÂNCIA PARA O ESTUDO

1.3.1 SENSIBILIDADE AO GÉNERO

Veio a propósito o trabalho de RATO et al. (2005: 19) «Promoção da Igualdade de Género», que aborda, de uma forma básica, conceitos da temática, em redor de cujas definições biológicas e sociais, se originam estereótipos, que se afirmam em traços de género, no que os homens e as mulheres devem ser, bem como, o que devem fazer, e o que constitui a delimitação de papéis de género a desempenhar.

É assim que, com Helena RATO, conseguimos definir o conceito de sexo, ao qual se reportam as características biológicas que diferenciam as mulheres e os homens. E definimos o conceito de género, como o que se refere ás diferenças sociais entre homens e mulheres, as quais são tradicionalmente definidas pela socialização. Têm por base representações (crenças, ideias e valores) em torno do sexo biológico, passando por uma construção social do que é a masculinidade, e do que é a feminilidade (RATO, 2005: 19).

Construção do conceito de género, é também, a descrita no texto da Comissão Nacional de Combate à Sida Moçambique, o qual diz que «Género está influenciado pelas características de uma sociedade, da educação, de normas, de hábitos, de leis, de crenças, etc», e portanto; «Género representa tudo o que se considera típico para homens e mulheres de uma cultura (por exemplo: roupa, profissão, comportamento, etc)» (CNCS, 2011: 1).

Posto o conceito de sexo e de género, é ainda com Helena RATO (chefiando uma equipa de investigadores), que se estabelece a problemática da IGUALDADE de Género (conforme o título do seu trabalho, «Promoção da Igualdade de Género», vol.1, referenciado na Bibliografia), isto é, «o DIREITO À DIFERENÇA significa que se VALORIZE DE IGUAL MODO, os distintos papéis que homens e mulheres desempenham na sociedade» (RATO, 2005: 20) (as maiúsculas são da nossa responsabilidade), ou seja, que «esta IGUALDADE de género (…) é inerente ao fato de homens e mulheres serem os dois elementos constitutivos da humanidade e pressupõe uma igual visibilidade, empoderamento e participação de ambos os sexos em todas as esferas da vida pública e privada» (RATO, 2005: 19, cit COMISSÃO PARA A IGUALDADE E PARA OS DIREITOS DAS MULHERES – CIDM, 1999: 13) Este «Direito à DIFERENÇA entre mulheres e homens inclui [o direito de diferentes] classes sociais, opiniões políticas, religiões, etnias, raças ou preferências sexuais» (RATO, 2005: 20).

O debate sobre o Género em África e Moçambique prossegue com GERALDO (2010: 1) tendo sido este um dos primeiros autores que nós desenvolvemos por acharmos inovador o seu conceito de Categoria Relacional , baseado na interpretação de género, e sua diversidade empírica de papeis. Reconhece-se neste contexto que a dualidade de sexos, fruto da dualidade cultural, ainda se baseia na desigualdade de oportunidades, na Educação e no Trabalho, cujo resultado é procurar romper com a Dualidade Tradicional, abrangendo outras, ou diversas, Tendências Sexuais, sustentando a tese homossexualista (GERALDO, 2010: 11).

Género, é Categoria Relacional, porque defende a construção social ao longo do tempo. É neste sentido que assistimos à desconstrução, e logo portanto, à redefinição da categoria, ou seja, papéis sociais masculinos desempenhados por mulheres, e papéis sociais femininos desempenhados por homens (GERALDO, 2010: 6).

Pelo que, sendo o Género uma Categoria Relacional, que procura ir além do tradicional dual sexual (H/M), para chegar à conclusão abrangente, de que pode não coincidir o sexo biológico, com o papel social desempenhado. Ou seja, atualmente, em algumas sociedades, há papéis outrora femininos, que passam a ser unissexo, pelo que, se revestem de alguma democratização, cuja sua alternância na ordem moderna, é tornada difícil, pelo o ainda dualismo cultural (GERALDO, 2010: 10).

GERALDO, 2010: 9, cit HIRVONEN & BRAGA, 1999: 9, diz que com a Independência Nacional, se reconheceu a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, como também se proclama a emancipação da mulher, como uma das tarefas primordiais do Estado. O fator decisor da emancipação da mulher era a construção da sociedade socialista. Na prática, as mulheres continuaram subalternas, uma vez que ao nível da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) estas continuaram a ser instrumentalizadas. A simples distinção dos homens na base do dualismo sexual, retratam a mulher como o lado fraco do ser: mulher mãe, mulher protetora dos filhos, mulher cozinheira. Ou então na forma emancipada: antes atrasada em relação ao homem, agora operária, militar/ combatente, professora, ministra da Educação (Graça Machel) (GERALDO, 2010: 9-10).

Com AMÂNCIO (1994: 33) a discussão estabelece-se sobre a análise das Diferenças Entre os Sexos, na Psicologia, e sobre a Divisão Sexual do Trabalho, na Sociologia. A perspetiva na abordagem psicossociológica da Discriminação da Mulher no Trabalho não é, no entanto, dominante. A distinção entre sexos que caracteriza a Psicologia Diferencial de Sexos caracteriza também o Género, em termos de pensamento ou sistemas de crenças que lhes estão associados, isto é que englobam estereótipos e representações sobre as características e papéis de homens e mulheres na sociedade (AMÂNCIO, 1994: 26, cit DEAUX, 1984ª, 1985: 27).

O facto dos indivíduos dos dois sexos terem Internalizado as normas e características socialmente adequados à sua identidade de género, aparece como a principal determinante das diferenças entre os sexos. O processo de Socialização pode explicar o modo como as pessoas constroem as suas Identidades de Género, visto que os indivíduos já nascem num sistema social que produziu conteúdos simbólicos associados ao sexo, que os processos de socialização se limitam a reproduzir [ancoragem].

«O que parece acontecer no caso da Diferenciação baseada no Sexo é que o Senso Comum associa um conjunto de características de personalidade e orientações de comportamento, organizados em modos de ser homem e de ser mulher, que não se fundamentam nas Diferenças Biológicas» (AMÂNCIO, 1994: 33)

A discussão sobre a análise das Diferenças entre os Sexos na Psicologia e sobre a Divisão Sexual do Trabalho na Sociologia, permite-nos mostrar que no pensamento do senso comum, esta desigualdade de sentido, se revela no processo de Categorização Social entre o masculino e o feminino. Estas dimensões explicativas do comportamento de homens e mulheres estão interligadas numa Relação de Produção de Sentido [como participam na Produção de Sentido as linguagens: a palavra, o tom, a mímica facial, o gesto, etc] (AMÂNCIO, 1994: 33). Esta forma de pensamento Social transforma diferentes Representações de Condições de Produção numa Ideologia Colectiva, cujo entendimento não social, é contudo ideológico pois a compreensão dos sentidos é sempre um confronto entre inúmeras vozes [instituições governamentais e não governamentais e internacionais].

1.3.2 DUALIDADE SEXUAL, na estrutura política e antropológica

O debate sobre o Género em África e Moçambique está carregado de dualismo sexual, entendendo-o primeiro, como um conceito de classificação biológica e depois numa situação entre género e a realidade empírica a que esta se refere.

Em termos estruturais e políticos , o dualismo sexual é geralmente difundido, no seio de uma Estrutura Dual. Segundo LÉVI-STRAUSS, 1963: 133, «As comunidades (Winnebago) são formalmente divididas em duas metades (os que estão acima e os que estão abaixo). Estas metades são exógenas e também claramente recíprocas em direitos e deveres». Exemplos desta organização simétrica da estrutura social são, entre outros: homem/mulher, ricos/pobres, verão/inverno, esquerda/direita, vermelho/preto, forte/fraco, antigo/novo. Isto é a Dualidade Sexual, fruto da Dualidade Cultural (GERALDO)

 Esta dicotomia simétrica, estende-se também, a grupos sociais, a aspetos do mundo físico, ou a aspetos do mundo metafísico ou moral, isto é, podem assumir uma estrutura diametral , repartida nos seus opostos, que no sistema de interação entre os polos, pode organizar-se numa estrutura concêntrica (LÉVI-STRAUSS, 1963: 135). Construída entre anéis concêntricos, hierarquicamente do central para o periférico, ou vice-versa, há opostos que podem permitir outros anéis, no seu meio, dependendo da ótica em que nos situarmos (e.g. água/ terra/ céu)

Atualmente , pretende-se ultrapassar o sistema de oposição entre as metades, ou seja, abranger outras tendências sexuais, algures entre o sexo biológico e o papel social desempenhado por eles. Outras tendências sexuais podem permutar-se entre si (emancipação das mulheres), ou mesmo expressar a antítese das metades (LÉVI-STRAUSS, 1963: 153), em termos de papéis unissexo, ou seja, alternadamente entre eles.

1.3.3 Organização Mundial de Saúde (OMS) e difusão do HIV/SIDA

Diz-nos a OMS que, «The sexual and economic subordination of women fuels the HIV/AIDS pandemic», WHO, 199\_:5.

Especifica o mesmo autor, na pág. 17, que «The inequality between men and women fuels the spread of HIV/AIDS».

Estas afirmações da Organização têm influenciado outros autores, como HUMAN SCIENCES RESEARCH COUNCIL, 2004: 65, que diz que «Gender inequality is a major problem and fuels the epidemic»

Posto o problema desta forma, podemos aceitar que a subordinação sexual e económica da mulher, alimenta a pandemia do HIV/SIDA. Não só por depender economicamente do seu marido/ parceiro sexual para sobreviver e alimentar a família como, não estando empregada, ser levada a recorrer ao comércio de sexo, ou a casamento com um homem muito mais velho que ela, como forma de ter dinheiro para possuir luxos como roupas, carro e casa, tornando-se assim mais exposta a contrair o vírus.

Portanto, a desigualdade entre o homem e a mulher, quando esta enfrenta um estatuto desde menina a mulher, que a educa social e antropologicamente desigual, ao parceiro homem: tem menos direitos cívicos perante a lei, e submissa ao homem, menos poder negocial, nomeadamente no uso do preservativo.

Aumentar a sua auto-confiança e acesso a cuidados de saúde, são formas de combater a difusão do HIV/SIDA.

1.4 IDEIA PRINCIPAL

No contexto apresentado, em que se retratam as particularidades de Moçambique, designadamente a geografia física e humana, a história política recente, as singularidades regionais ao nível sociodemográfico, as práticas culturais em relação à saúde e à sexualidade, assim como o dualismo sexual na divisão de papéis, importa realizar uma análise sociológica dos fatores que contribuem para a incidência, prevalência e difusão do HIV/SIDA. Esta reflexão poderá dar uma nova visão da problemática, contribuindo para a definição de ações eficazes dirigidas à prevenção e diminuição da difusão do vírus e da doença em Moçambique.